

FRIEDRICH NIETZSCHE

O CASO WAGNER

Um problema para músicos

NIETZSCHE CONTRA WAGNER

Dossiê de um psicólogo

Tradução, notas e posfácio
Paulo César de Souza



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright da tradução, notas e posfácio
© 1999 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Títulos originais

Der Fall Wagner: Ein Musikanten-Problem e
Nietzsche contra Wagner: Aktenstücke eines Psychologen

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

O caso Wagner : um problema para músicos ; Nietzsche contra Wagner : dossiê de um psicólogo / Friedrich Wilhelm Nietzsche ; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2016.

Título original: Der Fall Wagner ; Nietzsche contra Wagner.
ISBN 978-85-359-2825-9

1. Filosofia alemã 2. Música — Filosofia e estética 3. Wagner, Richard, 1813-1883 — Crítica e interpretação I. Souza, Paulo César de. II. Título. III. Título: Nietzsche contra Wagner.

16-07674

CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia alemã 193
2. Nietzsche : Obras filosóficas 193

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

O CASO WAGNER

Prólogo	9
Seções 1 a 12	11
Pós-escrito	34
Segundo pós-escrito	39
Epílogo	42

NIETZSCHE CONTRA WAGNER

Prólogo	47
O que admiro	48
No que faço objeções	50
Wagner como perigo	52
Uma música sem futuro	54
Nós, antípodas	56
O lugar de Wagner	58
Wagner como apóstolo da castidade	60
Como me libertei de Wagner	63
O psicólogo toma a palavra	65
Epílogo	69
Da pobreza do riquíssimo	73

Notas	81
Apêndice	89
Procedência dos textos de <i>Nietzsche contra Wagner</i>	91
Seções de <i>Nietzsche contra Wagner</i> cortadas por Nietzsche	92

Cartas de Nietzsche sobre as duas obras 97

À guisa de posfácio 107

Índice remissivo 113

Sobre o autor e o tradutor 117

O caso Wagner

Um problema para músicos

PRÓLOGO

Vou me permitir um breve descanso. Não é pura malícia, se neste escrito faço o elogio de Bizet à custa de Wagner. Em meio a várias brincadeiras, apresento uma questão com que não se deve brincar. Voltar as costas a Wagner foi para mim um destino; gostar novamente de algo, uma vitória. Ninguém, talvez, cresceu tão perigosamente junto ao wagnerismo, ninguém lhe resistiu mais duramente, ninguém se alegrou tanto por livrar-se dele. Uma longa história! — Querem uma designação para ela? — Se eu fosse um moralista, quem sabe como a chamaria? Talvez *superação de si*. — Mas o filósofo não ama os moralistas... E também não ama as palavras bonitas...

Que exige um filósofo de si, em primeiro e em último lugar? Superar em si seu tempo, tornar-se “atemporal”. Logo, contra o que deve travar seu mais duro combate? Contra aquilo que o faz um filho de seu tempo. Muito bem! Tanto quanto Wagner, eu sou um filho desse tempo; quer dizer, um *décadent*: mas eu compreendi isso, e me defendi. O filósofo em mim se defendeu.

O que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence* — para isso tive razões. “Bem e Mal” é apenas uma variante desse problema. Tendo uma vista treinada para os sinais de declínio, compreende-se também a moral — compreendemos o que se oculta sob os seus mais sagrados nomes e fórmulas de valor: a vida *empobrecida*, a vontade de fim, o grande cansaço. A moral *nega a vida*... Para uma tarefa assim, era-me necessária uma disciplina própria — tomar partido contra tudo doente em mim, incluindo Wagner, incluindo Schopenhauer, incluindo os modernos sentimentos de “humanidade”. — Um profundo alheamento, esfriamento, desalento face a tudo o que é temporal e temporâneo: e, como desejo maior, o olhar de Za-

ratustra, um olho que vê toda a realidade “homem” de uma tremenda distância — *abaixo* de si... Para um tal objetivo — que sacrifício não seria adequado? que “superação de si”? que “negação de si”?

Minha maior vivência foi uma *cura*. Wagner foi uma de minhas doenças.

Não que eu deseje me mostrar ingrato a essa doença. Se nestas páginas eu proclamo a tese de que Wagner é *danoso*, quero do mesmo modo proclamar *a quem*, não obstante, ele é indispensável — ao filósofo. Outros poderão passar sem Wagner; mas o filósofo não pode ignorá-lo. Ele tem de ser a má consciência do seu tempo — para isso, precisa ter a sua melhor ciência. Mas onde encontraria ele um guia mais experimentado no labirinto da alma moderna, um mais eloquente perito da alma? Através de Wagner, a modernidade fala sua linguagem mais *íntima*: não esconde seu bem nem seu mal, desaprendeu todo pudor. E, inversamente, teremos feito quase um balanço sobre o *valor* do moderno, se ganharmos clareza sobre o bem e o mal em Wagner. — Eu entendo perfeitamente, se hoje um músico diz: “Odeio Wagner, mas não suporto mais outra música”. Mas também compreenderia um filósofo que dissesse: “Wagner *resume* a modernidade. Não adianta, é preciso primeiro ser wagneriano...”.

O CASO WAGNER

Carta de Turim, maio de 1888

*ridendo dicere severum...*¹

1. Ontem — vocês acreditarão? — ouvi pela vigésima vez a obra-prima de Bizet.² Fiquei novamente até o fim, com suave devoção, novamente não pude fugir. Esse triunfo sobre minha impaciência me espanta. Como uma obra assim aperfeiçoa! Tornamo-nos nós mesmos “obra-prima”. — Realmente, a cada vez que ouvi *Carmen*, eu parecia ser mais filósofo, melhor filósofo do que normalmente me creio: tornando-me tão indulgente, tão feliz, indiano, *sedentário*... Cinco horas sentado: primeira etapa da santidade! — Posso acrescentar que a orquestração de Bizet é quase a única que ainda suporto? Essa *outra* orquestração atualmente em voga, a wagneriana, brutal, artificial e “inocente” ao mesmo tempo, e que assim fala simultaneamente aos três sentidos da alma moderna — como me é prejudicial essa orquestração wagneriana! Eu a denomino “siroco”. Um suor desagradável me cobre de repente. O *meu* tempo bom vai embora.

Esta música me parece perfeita. Aproxima-se leve, sutil, com polidez. É amável, não *transpira*. “O que é bom é leve, tudo divino se move com pés delicados”: primeira sentença da minha estética. Esta música é maliciosa, refinada, fatalista: no entanto permanece popular — ela tem o refinamento de uma raça, não de um indivíduo. É rica. É precisa. Constrói, organiza, conclui: assim, é o contrário do póliplo na música, a “melodia infinita”.³ Alguém já ouviu num palco entonações mais dolorosamente trágicas? E a maneira como são obtidas! Sem caretas! Sem falsificação! Sem a *mentira* do grande estilo! — Por fim: esta música trata o ouvinte como pessoa inteligente e até como músico — e também nisso é o oposto de Wagner, que, seja o que mais for, era o gênio mais descortês do mundo (Wagner nos trata como

se — —, ele repete uma coisa com tal frequência que esperamos — que acreditamos nela).

Mais ainda: eu me torno um homem melhor, quando esse Bizet me persuade. E também um músico melhor, um *ouvinte* melhor. É possível se escutar ainda melhor? — Eu enterro os meus ouvidos sob essa música, eu ouço a sua causa. Parece-me presenciar a sua gênese — estremeço ante os perigos que acompanham alguma audácia, arrebatam-me os acasos felizes de que Bizet é inocente. — E, coisa estranha, no fundo não penso nisso, ou não *sei* o quanto penso nisso. Pois nesse íterim me passam bem outros pensamentos pela cabeça. Já se percebeu que a música *faz livre* o espírito? que dá asas ao pensamento? que alguém se torna mais filósofo, quanto mais se torna músico? O céu cinzento da abstração atravessado por coriscos; a luz, forte o bastante para se verem as filigranas; os grandes problemas se dispondo à apreensão; o mundo abarcado com a vista, como de um monte. — Acabo de definir o *pathos* filosófico. — E de súbito caem-me *respostas* no colo, uma pequena chuva de gelo e sapiência, de problemas *resolvidos*... Onde estou? — Bizet me faz fecundo. Tudo o que é bom me faz fecundo. Não tenho outra gratidão, nem tenho outra *prova* para aquilo que é bom.

2. Também essa obra redime; não apenas Wagner é um “redentor”.⁴ Com ela nos despedimos do Norte úmido, de todos os vapores do ideal wagneriano. A ação já redime. De Mérimée⁵ ainda possui a lógica na paixão, a linha mais curta, a dura necessidade: tem sobretudo o que é da zona quente, a secura do ar, a *limpidez* no ar. Em todo aspecto o clima muda. Aqui fala uma outra sensualidade, uma outra sensibilidade, uma outra serena alegria. Essa música é alegre, mas não de uma alegria francesa ou alemã. Sua alegria é africana; ela tem a fatalidade sobre si, sua felicidade é curta, repentina, sem perdão. Invejo Bizet por isso, por haver tido a coragem para esta sensibilidade, que até agora não teve idioma na música cultivada da Europa — esta sensibilidade mais meridional, mais morena, mais queimada... Como nos fazem bem as tardes brônzeas da sua felicidade! Olha-

mos para fora ao ouvi-la: já vimos o mar tão liso? E como a dança moura nos fala de modo tranquilizador! Como, em sua lasciva melancolia, mesmo a nossa insaciabilidade aprende a satisfação! — Finalmente o amor, o amor retraduzido em natureza! Não o amor de uma “virgem sublime”! Nenhum sentimentalismo de Senta!⁶ Mas o amor como fado, como fatalidade, cínico, inocente, cruel — e precisamente nisso natureza! O amor, que em seus meios é a guerra, e no fundo o ódio mortal dos sexos! — Não sei de caso em que a ironia trágica que constitui a essência do amor seja expressa de maneira tão rigorosa, numa fórmula tão terrível, como no último grito de *don* José, que conclui a obra:

“Sim! *Eu* a matei,
eu — minha adorada Carmen!”

— Uma tal concepção do amor (a única digna de um filósofo) é rara: ela distingue uma obra de arte entre mil.⁷ Pois na média os artistas fazem como todos, ou mesmo pior — eles *entendem* mal o amor. Também Wagner o entendeu mal. Eles acreditam ser desinteressados do amor, por querer o benefício de outro ser, às vezes contra o benefício próprio. Mas em troca desejam *possuir* o outro ser... Nisso nem mesmo Deus é exceção. Ele está longe de pensar: “que te interessa, se te amo?”⁸ — ele se torna terrível, quando o seu amor não é correspondido. *L’amour* — uma frase verdadeira entre os homens e entre os deuses — *est de tous les sentiments le plus égoïste, et par conséquent, lorsqu’il est blessé, le moins généreux* [O amor é, de todos os sentimentos, o mais egoísta, e, em consequência, o menos generoso quando é ferido] (B. Constant).⁹

3. Já percebem como essa música me torna melhor? — *Il faut méditerraniser la musique* [É preciso mediterrânicizar a música]: tenho razões para esta fórmula (*Além do bem e do mal*, § 255). O retorno à natureza, a saúde, alegria, juventude, virtude! — E no entanto eu fui um dos mais corruptos wagnerianos... Eu fui capaz de levar Wagner a sério... Ah, esse velho feiticeiro! Como

nos iludiu! A primeira coisa que a sua arte nos oferece é uma lente de aumento: olhando por ela, não se acredita nos próprios olhos — tudo fica grande, *até Wagner fica grande...* Que astuta cascavel! Toda a vida ela nos falou ruidosamente em “dedicação”, “fidelidade”, “pureza”, com um elogio à castidade retirou-se do mundo *depravado*! — E nós acreditamos...

Mas vocês não me ouvem? Preferem o *problema* de Wagner ao de Bizet? Também eu não o subestimo, ele tem seu fascínio. O problema da redenção é sem dúvida um problema respeitável. Sobre nenhuma outra coisa Wagner refletiu tão profundamente: sua ópera é a ópera da redenção. Em Wagner, há sempre alguém que deseja ser redimido: ora um homenzinho, ora uma senhorita — este é o problema *dele*. — E como varia ricamente o seu *leitmotiv*! Que digressões raras e profundas! Quem, senão Wagner, nos ensinaria que a inocência redime de preferência pecadores interessantes? (O caso de *Tannhäuser*.) Ou que mesmo o judeu errante é redimido, torna-se *sedentário*, quando se casa?) (No *Navio fantasma*.) Ou que velhas mulheres depravadas preferem ser redimidas por jovens castos? (O caso de *Kundry*.)¹⁰ Ou que donzelas bonitas preferem a redenção por um cavaleiro que seja wagneriano? (O caso dos *Mestres cantores*.) Ou que também mulheres casadas gostam de ser redimidas por um cavaleiro? (Caso de *Isolda*.) Ou que o “velho Deus”, depois de haver se comprometido moralmente em todo sentido, é finalmente redimido por um livre-pensador e moralista? (Caso do *Anel*.) Detenham-se em admirar especialmente esta última, profunda percepção! Vocês a compreendem? Eu — eu me guardo de compreendê-la... Que se possa extrair outros ensinamentos das obras mencionadas, é algo que eu estaria mais disposto a provar que a negar. Que um balé wagneriano possa conduzir alguém ao desespero — e à virtude! (Novamente o caso de *Tannhäuser*.) Que possa ter as piores consequências o fato de não ir para a cama no momento certo (novamente o caso de *Lohengrin*). Que não se deve jamais saber exatamente com quem se casou (pela terceira vez, o caso de *Lohengrin*). — *Tristão e Isolda* glorifica o marido perfeito que em certo caso tem apenas uma pergunta:

“Mas por que não me disseram isso antes? Tão simples!”. Resposta:

“Isso não te posso dizer; e o que perguntas, não podes jamais saber.”

Lobengrin contém uma solene proscrição da busca e do questionamento. Wagner defende assim a ideia cristã, “Deves crer e precisas crer”. Ser científico é um crime contra o que é mais elevado e mais sagrado... O *Navio fantasma* prega o sublime ensinamento de que a mulher faz assentar o mais inquieto dos homens, ou, em linguagem wagneriana, o “redime”. Aqui nos permitimos uma pergunta. Supondo isto verdadeiro, seria também desejável? — O que acontece ao “judeu errante” que uma mulher adora e faz *assentar*? Ele apenas deixa de ser eterno;¹¹ ele se casa, e não mais nos interessa. — Traduzido para a realidade: o perigo dos artistas, dos gênios — pois estes são os “judeus errantes” — está na mulher; as mulheres *adoradoras* são sua ruína. Quase nenhum tem caráter bastante para não ser arruinado (“redimido”), ao se sentir tratado como deus — logo ele *condesce* à mulher. O homem é covarde diante do eterno-feminino: bem o sabem as fêmeazinhas. — Em muitos casos do amor feminino, e talvez justamente nos mais famosos, o amor é apenas um parasitismo refinado, um aninhar-se numa alma alheia, por vezes até numa carne alheia — ah, e sempre à custa do “hospedeiro”!

Sabe-se o destino de Goethe na Alemanha solteirona e moralmente azeda. Ele foi repulsivo para os alemães, e teve admiradores francos apenas entre mulheres judias.¹² Schiller, o “nobre” Schiller, que encheu os ouvidos alemães com grandes palavras — *este* lhes foi caro ao coração. O que censuravam eles em Goethe? O “monte de Vênus”, e que tivesse escrito os *Epigramas venezianos*. Klopstock foi o primeiro a lhe pregar um sermão; houve um tempo em que Herder, ao falar de Goethe, usava de preferência a palavra “Príapo”.¹³ Mesmo o *Wilhelm Meister* era tido apenas como sintoma de declínio, “caída na

mendicância” moral. Nele, a “*ménagerie* [coleção] de animais mansos”, a “baixeza” do herói, enfureciam Niebuhr,¹⁴ por exemplo, que afinal irrompe numa queixa que *Biterolf* poderia cantar: “Nada pode causar impressão mais dolorosa do que um grande espírito que se despoja de suas asas e busca sua virtuosidade em algo bastante inferior, *ao renunciar ao sublime*”... Mas sobretudo as virgens sublimes se indignaram: cada pequenina corte, toda espécie de “Wartburg” na Alemanha fazia o sinal da cruz para Goethe, para o “espírito impuro” de Goethe.¹⁵ — *Essa é a história que Wagner pôs em música. Ele redime Goethe, não há dúvida; mas de maneira a, com argúcia, simultaneamente tomar o partido das virgens sublimes. Goethe é salvo: uma oração o salva, uma virgem sublime o atrai para cima...*¹⁶

— O que Goethe teria pensado de Wagner? — Uma vez ele se perguntou acerca do perigo que ameaçava os românticos: a fatalidade romântica. Sua resposta: “sufocar com a ruminação de absurdos morais e religiosos”. Numa palavra: *Parsifal* — — O filósofo junta um epílogo: *Santidade* — talvez a última coisa que o povo e as mulheres ainda conseguem ver, dos valores mais altos; o horizonte do ideal para todos os míopes por natureza. Para os filósofos, no entanto, uma simples recusa de compreensão, como todo horizonte, uma espécie de portão fechado onde o *seu* mundo apenas *começa* — o *seu* perigo, *seu* ideal, *sua* aspiração... Para dizê-lo de modo mais cortês: *La philosophie ne suffit pas au grand nombre. Il lui faut la sainteté* [A filosofia não basta para a multidão. Ela necessita da santidade].¹⁷